O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 36.º — Sábado, 12 de Fevereiro de 1944 — N.º 1823

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

O Silêncio

E' de boa educação estar calado quando alguém fala; é de conveniência o silêncio para se reflectir e pensar; devemos estar mudos ou falar baixinho junto dos doentes ou de pessoas que dormem. Devem falar pouco ou nada aquêles que pouco ou nada têm a dizer.

Há muitos casos em que o silêncio é de ouro; mas, em muitas circunstâncias, é preciso falar.

O silêncio voluntário é sempre bom; o silêncio forçado pode ser muito mau As donas de casa, autoritárias, não consentem aos servidores uma explicação, uma desculpa, que justificaria a sua conduta.

—Cale-se! Não consinto que responda!

O pobre servo tem de ouvir silencioso as injúrias, as recriminações, embora haja nove décimos de injustiça na imputação que se lhe faz. Êste silêncio imposto não é moralizador. O acusado a quem se nega o direito de defesa, sofre, calado, as argüições, mas a ordem aparente não apaga nem destrói a desordem interior.

Revolta-se e muitas vezes projecta vingar-se. Antigamente, os tribunais julgavam e condenavam sem ouvir o acusado. Sistema abominável que ignorava os direitos do homem, èsses direitos sagrados de que, modernamente, tanta gente se tem rido. O direito de defesa é um direito respeitável. O silêncio imposto, neste caso, era monstruoso, atentatório da dignidade humana e fautor de numerosas injustiças. Porque procederiam assim os antigos? Provàvelmente por dois motivos: a suposta incompetência absoluta do acusado e a suposta competência do tribunal. O acusado era incompetente porque era parte interessada e como tal inventaria circunstâncias atenuantes, mentiria, lançaria a responsabilidade sôbre outrem — expediente que, em vez de esclarecer, obscureceria mais a questão.

O tribunal seguia a lei dos fortes que se atribuem fàcilmente a infabilidade. E contudo êstes mesmos tribunais não hesitavam em aplicar a tortura para fazer falar o acusado... contra si.

A seu favor não podia falar, mas podia falar para fazer a confissão de crimes que muitas vezes não tinha cometido: acusava-se para que a tortura cessasse. As relações entre o forte e o fraco eram de manifesta hostilidade. Tôda a colaboração ordeira era banida; a colaboração cruel e violenta, essa sim, era admissível. Felizmente os conceitos da justiça e da dignidade são agora outros.

O silêncio do acusado permitia denúncias falsas, acusações infundadas e outras irregularidades que se aninhavam debaixo da capa do sigilo...

Ainda hoje o silêncio favorece as manobras ilícitas, como a obscuridade da noite favorece os malfeitores que atacam a propriedade e as pessoas.

Uma das razões que explica a imoralidade maior nos aglomerados urbanos que nas terras de província, é a falta de fiscalização dos vizinhos, é o silêncio dos outros. Não se nota, não se comenta, não se fiscaliza. Abolir a fiscalização é abolir uma parte da honestidade pública. Na aldeia tudo se saberia, tudo seria pasto das línguas soltas que, neste caso, fazendo mal, prestariam bom serviço. A's vezes, a voz do povo é a voz de Deus.

A bisbilhotice, o soalheiro, a intriga, a leviandade e a inveja fazem muito mal, mas têm vantagens: fazem a polícia dos costumes. Suprimi esta polícia e os costumes baixarão.

Seria bom, muito bom que as críticas se inspirassem sòmente no interêsse público, na salubridade do meio social, na pureza das almas e não fôssem a manifestação da malícia, da inveja, da maldade e, por vezes, da ignorância que fala e não sabe o que diz. O mal e o bem andam de tal forma misturados que, para suprimir um, corremos o risco de matar o outro. Não nos diz o Evangelho, em S. Mateus, Cap. XII, as precauções a tomar nesta matéria?

«Não, não arranqueis o jôio, com o o receio de que com êle venha também a boa planta. Deixai crescer as duas, e na época da ceifa os ceifeiros procederão ao arranque do que é fruto da má semente».

Se pudessemos e quisessemos tapar tôdas as bocas para não haver coscovilhice e apreciações injustas, suprimiríamos a merecida reprovação da má conduta, sofreria a polícia dos costumes e a moral baixaria. Suportemos, pois, um mal para termos um bem.

A reprovação pública é freio que se não deve desprezar. Há na História factos que não têm outra explicação que não seja esta: a polícia da palavra. Há dois seculos os chefes dos Estados, os grandes seculares ou eclesiásticos davam maus exemplos, tinham vida irregular, manifesta, conhecida. A opinião não tinha o direito de censurar; os monarcas só davam contas a Deus. Mudaram os conceitos do poder, a opinião pode manifestar-se, criticar, fazer reparos, e com isto tudo mudou. O silêncio dos povos autorizava e mantinha o vício dos grandes. Quantos vícios, arranjos e fraudes vivem e prosperam ainda hoje ao abrigo do silêncio!

O gendarme faz a ordem nas ruas, a crítica ajuda a fazer a ordem nas almas.

SERRAS E SILVA

O TEMPO

Continuamos a gozar as delícias duma Primavera precoce. Parece que não há chuva no baralho, teimando a Natureza em se negar a atender à lavoura, que tanto carece de água.

Há anos assim. E é que ninguém ainda descobriu a maneira de evitar êstes e outros fenómenos que só acarretam prejuízos. A pesar de muita coisa se ter inventado.

O CARNAVAL

Está à porta, mas, como nos anos anteriores, não serão permitidos folguedos na via pública. Os bailes no Teatro, que era costume realizar-se durante a época, foram também banidos em virtude das agremiações que os promoviam não estarem para massadas.

Mal dos dançarinos por se terem de deslocar para outras terras se se quizerem divertir.

Tudo por causa da guerra.

Maldita!

Sejamos humanitários!

Mais donativos vieram esta semana até nós destinados a acudir ao infortúnio de João Calisto. Gratos nos confessamos, por isso, a quantos, lendo o nosso apêlo, não demoraram o seu óbulo. E' que no lar de João Calisto, doente, existem ainda a mulher e oito filhos, todos miudos, que pedem pão, que precisam alimentar-se. Bom será que esta circunstância seja levada em consideração e os sentimentos humanitários não diminuam e continuem a acentuar-se de forma a dar-nos a certeza de que ainda não se obliterou o espirito de bem-fazer.

Prossegue a subscrição:

Transporte	780$00
D. Amélia Couceiro	10$00
Lourenço Limas	7$50
Samuel Fartura	5$00
Eduardo Simões Zeferino	2$50
João da Loura	1$50
João de Oliveira	10$00
Luís Pinho	2$50
Carlos Julio	7$50
João Deus da Loura	2$00
Maria José Lemos	5$00
João Salgueiro	7$50
Manuel Augusto	5$00
Francisco Ferreira de Carvalho	5$00
Manuel Silva	5$00
António Gonçalves Guedes	5$00
António Santos Silva	2$50
Dr. Assis Maia	10$00
Produto duma quete entre alguns operários da Fábrica Aleluia	50$00
Direcção do *Club dos Galitos*	50$00
G. M.	20$00
P. S. J.	5$00
Anónima	20$00
Uma amiga dos desamparados	20$00
Soma	1.038$50

A última verba veio acompanhada da seguinte carta:

Aveiro, 6-2-1944

...Sr. Arnaldo Ribeiro

Acudindo ao apêlo do seu jornal a favor de João Calisto, junto 20$00 e lamento não ser muito rica para poder minorar a situação aflitiva dessa desventurada família, com maior quantia.

Fazendo votos para que a subscrição aberta no Democrata *atinja razoável importância e todos os que podem se lembrem dêsse infeliz, enviando donativos, subscrevo-me com consideração*

Uma amiga dos desamparados

Pela República

Completam-se àmanhã vinte cinco anos—um quarto de século!—sôbre a data de 13 de Fevereiro que marca o triunfo das tropas republicanas no norte do país e a libertação do Pôrto, que durante três semanas esteve debaixo do jugo monárquico.

Não esquecemos as horas de ansiedade que então se passaram e quantos nas margens do Vouga e noutros pontos se bateram pela República, sendo justo destacar o saudoso general José Domingues Peres, que muito contribuiu com a sua táctica militar para que a bandeira verde-rubra voltasse a flutuar na cidade Invicta.

Sopa dos pobres

Que nos conste, ainda não foi restabelecida a que era custeada pela Câmara, prevalecendo, apenas, a do Dispensário Anti-Tuberculoso, que o sr. dr. Adérito Madeira, seu dirigente, mantem e destina aos doentes mais necessitados. Todavia, existe na cidade muita gente a quem faz falta, que dela carece. Não será tempo de se pensar, a sério, nesse assunto?

A "GRIPE"

Tem-se desenvolvido bastante entre nós, se bem que com carácter benigno.

Nas freguesias do concelho outro tanto sucede.

Conseqüências da estiagem?

Talvez.

Taxa militar

Não esquecer. Deve ser paga até o fim do corrente mês. Depois custa o dôbro e o dinheiro é sangue...

Homenagem póstuma

A cidade de Viana do Castelo recebeu ùltimamente no seu seio os restos mortais de João da Rocha, que muito a dignificou com a nobreza moral que o caracterizava e por uma obra literária das mais valiosas.

A nossa terra associou-se, transmitindo o seguinte telegrama:

Aveiro, acompanhando e sentindo sempre sinceramente as alegrias e tristezas da sua querida irmã Viana, associa-se à homenagem prestada à memória de João da Rocha, grande figura limiana.

Abastecimento de água

O Seculo, de segunda-feira, publicou algo sôbre o abastecimento de água à cidade, que, como se sabe, é um assunto de palpitante interesse e que as Câmaras presididas pelo saudoso dr. Lourenço Peixinho nunca haviam descurado, deixando importantes trabalhos nêsse sentido à que lhes sucedeu.

Muito nos apraz saber o que o *Seculo* nos diz, se bem que existam no seu artigo inexactidões corrigidas pela própria natureza. Mas seja como fôr: o que se quer, o que se pretende é que Aveiro aufira quanto mais depressa melhor os 4 milhões e 500 mil litros de água por dia para que cada habitante possa gastar em sua casa 100 litros diários, com esta vantagem — ser água pura, esplêndida, quási água de Caneças!

Dr. Mário Duarte

Em companhia de sua dedicada Esposa e filhos, esteve alguns dias nesta cidade, retirando na terça-feira para o Pôrto, onde reside, o estimado aveireuse, dr. Mário Duarte, cônsul de Portugal em Berlim, a quem há pouco fôra concedida a licença que está gozando.

A sua presença entre nós é sempre motivo de grande satisfação.

SINAL DE VIDA

Há 49 anos — fê-los a 2 de Fevereiro — na planície de Marracuene, a Pátria portuguesa afirmava a sua existência, consumada a soberania de Portugal, levantava-se na alma corajosa de alguns dos seus filhos — soldados, marinheiros e colonialistas — àquêle alto e simbólico firmamento a que deixara de aspirar durante muitos anos de *apagada e vil tristeza*.

Quando, daqui a um ano, se comemorar o cinqüentenário do feito com a merecida dignidade e pelos séculos fora se avivar a sua memória, ter-se-á a certeza de que Marracuene é um símbolo que encadeia muitos nomes de feitos heróicos e de heróicos portugueses, a demonstrar a vocação colonizadora de Portugal e a afirmar, bem alto, que é ainda a mesma, a Raça que ensinou os caminhos do mar e da terra a tôda a Humanidade.

Banco de Portugal

Parece estar assente a construção do novo edifício para a Agência do Banco de Portugal na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, aonde ainda existem bastantes terrenos à espera que os seus proprietários se resolvam a edificar.

Regosijamo-nos com o facto, convencidos de que o novo edifício honrará a cidade, realçando no local onde se vai construir.

Dr. Bernardino Machado

Tendo adoecido a semana passada, na sua residência da Senhora da Hora, subúrbios do Pôrto, o venerando republicano e antigo chefe do Estado, recolheu a uma Casa de Saúde daquela cidade, onde tem melhorado nos últimos dias.

O Democrata junta os seus votos aos de quantos desejam o restabelecimento do ilustre enfermo.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

CHAMAS DEVORADORAS

Um pavoroso incêndio destrói a Fábrica de Cerâmica de Quintans

Uma morte e vários feridos

Eram aproximadamente quatro horas da manhã de terça-feira quando chegou, pelo telefone, ao quartel do Corpo de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes o sinal de alarme — está a arder a Fábrica de Cerâmica de Quintans!

Saíu o primeiro carro, depois outro e entretanto, dado o incremento do fôgo, eram também chamados os Bombeiros Voluntários.

A cidade dormia. E só nas artérias por onde passaram, velozes, as viaturas se notou que alguma coisa de anormal estava sucedendo fora de portas.

Amanheceu. E então propalou-se, correu célere de bôca em bôca, a notícia da ocorrência que havia determinado a presença dos bombeiros, não só de Aveiro, como de Ilhavo, Vagos, Estarreja e até de Ovar.

Contemos. No lugar de Quintans, que fica a oito quilómetros e pertence à freguesia da Oliveirinha, erguia-se uma grande fábrica de cerâmica, com serração anexa, propriedade da firma *Duarte Lebre & C.ª* Ocupando enorme área quási em frente à estação do caminho de ferro, ali prestavam serviço um cento e meio de operários, a maior parte das circunvisinhanças, que despegaram do trabalho às horas regulamentares, só ficando os vigias de noite para as respectivas rondas. Foram êstes, que, num dado momento, notaram haver fôgo no edifício, ficando logo alarmados com a rapidez da sua propagação, do seu desenvolvimento. Gritaram, pediram socôrro, juntou-se gente, muita gente, mas quê? Estava escrito no livro do Destino: a fábrica, que havia, meses antes, sofrido importantes melhoramentos, entre os quais, a modificação das fachadas que, pelo espaço ocupado e pela altura, mantinha aquela um aspecto de grandiosidade à altura dos seus créditos, não tardou muitos minutos a ser tôda pasto das chamas, lambida por elas, transformada em cinzas e, por fim, num montão de ruinas!

Quando os nossos bombeiros, da Companhia Guilherme Gomes Fernandes, chegaram, já nada puderam fazer. Estando, porém, ainda intacta a casa das máquinas, para ali dirigiram a sua atenção e de tal maneira foi conduzida a defesa pelos comandantes tenente Natividade e Silva e Belmiro Amaral, que só aquela parte escapou à invasão do fôgo. Isto com o auxílio dos Voluntários desta cidade e dos de Ilhavo, que, igualmente, trabalharam com denodo, a ponto de se ter danificado, durante o ataque, uma das moto-bombas daquela corporação da nossa terra. O resto, tudo desapareceu — tudo! — devorado, consumido em pouco tempo!

Ao desenrolar do impressionante espectáculo assistiram milhares de pessoas a quem as derrocadas causavam pavor traduzido em gritos lancinantes nos momentos de se darem. Foi vítima duma delas quando se empregava no salvamento do recheio do escritório o operário Firmino Emilio, da Quinta do Picado, recebendo nessa ocasião também ferimentos os seus irmãos Evaristo e Amândio Emilio e os companheiros Alfredo Pereira, Augusto Refugo e José Domingues de Sá, que recebaram curativo na Farmácia Ribeiro.

IMPRENSA

A Ideia Livre

Para garantia do título saíu mais um número do semanário republicano de Anadia, que suspendera a sua publicação devido às dificuldades da hora presente.

Continua a figurar no cabeçalho, como director, o nome do sr. dr. Carlos Pereira, médico daquêle concelho.

As andorinhas

Noticiámos aqui que nem tôdas as andorinhas emigraram o ano passado de Aveiro, conforme o costume. Vamos explicar a razão, transcrevendo do Caderno da «Cosmos» o que diz, a propósito, o sr. dr. Oliveira Matos sôbre *animais emigradores*:

As andorinhas que emigram da Europa Ocidental vão para o norte da Africa; mas, se por especiais motivos não puderem seguir suas irmãs, ficam no país em que passaram a Primavera e o Verão, em estado quási hibernante, aparecendo só nos dias mais quentes.

E' o que tem acontecido, presumimos, com as tais que não partiram.

ARTIGO

O que hoje publicamos em fundo, da autoria do sr. doutor Serras e Silva, lente jubilado de Medicina, que por muitos anos honrou a catedra da Universidade de Coimbra, transcrevemo-lo das *Novidades*, que o ilustre professor colabora semanalmente.

da Costa do Valado, uns, vindo outos para o hospital.

O entêrro do infeliz Firmino, que pagou com a vida a sua dedicação à casa, deixando viuva e três filhinhos na orfandade, realizou-se na quarta-feira para o cemitério do Outeirinho, constituindo uma sentida manifestação de pesar.

Duarte Tavares Lebre, fundador da fábrica, tem recebido, consternadíssimo, dos seus amigos, as mais significativas provas de sentimento pelo desgôsto que acaba de sofrer. Previdente, tudo tinha no seguro por 1.680 contos; mas hoje, quanto será preciso para a sua reconstrução? E a falta que faz o trabalho aos que nela empregavam a sua actividade? Enfim: mais dificuldades a acumularem-se sôbre as já existentes e que tanto afectam a vida dos pobres.

Tremenda fatalidade!

Crónica alfacinha

A vaidade

Quantas vezes, como velas enfunadas, caminhamos na vida, julgando-nos a nós próprios os seres mais importantes, sapientes e dignos! Quantas vezes alimentamos a ilusão de que à nossa volta todos se curvam e nos admiram!

Triste quimera!...

E assim continuamos, até que uma rajada de vento esfarrape a vela, vire o barco, e ao contacto com a água gelada do encapelado mar em que navegamos, despertamos conscientes.

Afinal, a verdade é que nem sempre esta nossa suposição é verdadeira.

Muitos nos apontam com escárneo e até nos detestam. O facto de termos uma inteligência mais ou menos desenvolvida, aptidão para certos trabalhos pouco vulgares ou ainda dons que nos elevem, não quere dizer que sejamos dignos de todos os louvores e valha apenas envaidecer-nos.

Se pensarmos melhor, verificamos que há entre os homens uma relativa igualdade. Todos temos músculos e ossos, veias e nervos, cérebro e coração, defeitos e virtudes, horas dôces e amargas, acções dignas e injustas.

Pois bem. Aquêles que eu posso julgar inferiores possuirão qualidades que eu não tenho e até materialmente valerão mais do que eu. Não tenho culpa de ser pouco inteligente, linfática, nervosa, por exemplo. Mas se respeitar o meu semelhante, se mesmo assim me não considerar inferior nem superior a outros, tenho o direito de exigir que me respeitem.

Vem isto a propósito de *tu*, pronome pessoal que muito bôas pessoas usam para mostrar que o indivíduo a quem se dirigem lhes é inferior.

Na Inglaterra, no Brasil, na América, na Suiça, etc., a segunda pessoa não existe.

Em Portugal — e é com bastante mágua que o digo — qualquer homem que pode com sacrifício ou sem êle, concluir um curso, acha-se no direito de tratar os outros por *tu*, para se mostrar superior. Porém, ficaria enervado se essa pessoa lhe fizesse o mesmo.

Vê-se num consultório os médicos dirigirem-se assim aos doentes; nas oficinas, os patrões aos empregados; nas escolas, os professores aos alunos. Mais ainda: homens novos empregam êste pronome para quem, pela idade, poderia ser seu pai ou avô!

Não é justo. Então façamos como nos tempos antigos em que todos se tratavam assim.

Para nos fazermos respeitados, é desnecessário humilharmos os semelhantes. Isto é vaidade, repugnante e indigna, que as pessoas de bem devem afastar de si.

E para combatermos esta falta de educação, devemos impor-nos, obrigando a tratarem-nos com delicadeza.

Um dia, tinha eu 16 anos, fui ao médico.

O dr., rapaz ainda, pregunta-me:

—De que *te queixas*?

Expliquei-lhe o que sentia, e desata o questionário.

—Há quanto tempo *sentes* isso?

—Porque *vieste* cá só hoje? etc., etc.

Aborrecida, e não me julgando de modo algum inferior a êle, respondi-lhe:

—Há quanto tempo é que o senhor me conhece e que confiança tem comigo para me tratar por tu?

O médico olhou-me espantado, mas nunca mais repetiu o têrmo.

Ontem, ouvi uma rapariga, bastante nova, que assim se dirigia a uma mulher já de idade avançada, enquanto esta lhe respondia, em tom humilde e lhe chamava menina.

Certamente, em casa nunca lhe ensinaram que se devem respeitar os velhos e fica ser-se vaidoso.

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Pelo Liceu

Foram concedidas Bolsas de Estudo, para o corrente ano lectivo, às distintas alunas do 7.º ano do Liceu de José Estêvão, Maria Ana Castro Lersano Lopes e Maria Eulália Brandão Marques Pereira.

Felicitamo-las.

BAILE DE BENEFICÊNCIA EM S. JOÃO DA MADEIRA

É hoje à noite que se realiza no salão de festas da Associação dos Bombeiros Voluntários da laboriosa vila do nosso distrito, o baile em benefício da prestimosa corporação que tantos serviços tem prestado ao importante concelho.

Será abrilhantado pela *Orquestra Columbia*, de Espinho, haverá um magnífico serviço de *buffete* e pelo entusiasmo que reina entre os sanjoanenses é de prever que atinja os fins em vista, que é acarinhar os valorosos soldados do fogo, dando-lhes o indispensável para que nas horas do perigo possam acudir ao seu semelhante.

Assim mesmo.

Da vida que passa

Nos subúrbios de Marmeleira de Mortágua finou-se, esta semana, com 85 anos, o velho republicano Manuel Ferreira Martins de Abreu, professor primário aposentado e revolucionário do 31 de Janeiro.

É mais um que cai dos poucos sobreviventes.

Julgamento

Em tribunal colectivo, respondeu esta semana pelo crime de falsificação de selos fiscais, Alpoim Pereira Monteiro Júnior, que há seis anos fez serviço na Câmara Municipal como assalariado.

Foi condenado a um ano de prisão correccional, um conto de imposto de justiça e dois de indemnização ao Estado.

Os restantes reus, incriminados no mesmo processo, receberam absolvição.

A defesa esteve a cargo do distinto causídico, dr. Jaime Silva, que a conduziu com talento e brilhantismo.

A batata

Continua a subir, duma maneira assustadora, o preço da batata, havendo já quem a adquirisse à razão de 40$00 a arroba e mais.

Como os pobres também têm direito à vida é preciso que se tomem providências tendentes a pôr côbro à especulação.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a gentil Maria Luisa Paula dos Santos, filha do sr. tenente Luis Paula dos Santos, e o sr. Francisco das Neves Vieira, 2.º sargento de Cavalaria, actualmente em Lourenço Marques (Africa Oriental); àmanhã, os meninos Jorge Manuel e Fernando, filhos do nosso amigo Manuel Mano, funcionário superior dos correios naquela cidade, e o sr. Julio Costa Júnior, do Pôrto; no dia 14, o activo comerciante sr. Carlos Mendes, proprietário dos estabelecimentos Savoy e Jardim das Modas; em 16, o sr. Américo Ramalho, de Esgueira; em 17, a sr.ª D. Maria Marques Rodrigues e Morgado, professora oficial em Alqu i dão (Figueira da Foz), o nosso amigo Ramiro Dias e o filho Marly, do sr. Francisco dos Santos Silva, residentes no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e em 18, a sr.ª D. Idalina Branca Pinto da Silva, esposa do sr. Antero Monteiro da Silva e filha do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo efectuou-se ante-ontem o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria de Lourdes Almeida, manipuladora dos correios na nossa Estação Telégrafo-Postal, com o sr. Eugénio Cerqueira da Encarnação, escriturário da Direcção de Estradas do distrito de Viseu e filho do sr. Francisco da Encarnação.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, seu pai, o sr. António Almeida, e a sr.ª D. Maria do Nascimento de Oliveira, de Agueda; e pelo noivo, sua irmã e cunhado, respectivamente a sr.ª D. Maria Rosa Cerqueira da Encarnação Costa e marido o sr. César Nicolau da Costa, residentes em S. João da Madeira.

Finda a cerimónia foi servido em casa dos pais da noiva um opíparo almôço a que assistiram pessoas de família e da maior intimidade dos nubentes.

A noiva alia à delicadeza das suas maneiras, predicados que muito a enobrecem e que junto aos que reune o eleito do seu coração devem contribuir para a felicidade conjugal. São êsses os nossos desejos ao dirigirmos-lhes felicitações.

—Em Leopoldville (Congo Belga) realizou-se, também, no dia 28 de Janeiro, o consórcio da sr.ª D. Luisa de Andrade Pereira da Silva, irmã do sr. Jorge de Andrade Pereira da Silva, funcionário da filial do Banco N. Ultramarino desta cidade e cunhada do sr. António Massadas de Almeida Rino, empregado dos caminhos de ferro em Lisboa, com o sr. Manuel Lorenzo Pazo, gerente da importante Casa Nogueira, L.da daquela praça.

Foram padrinhos o sr. António Silva e esposa, naturais de Salreu e ali residentes.

Muitas felicidades.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. dr. Manuel Pereira Amorim de Lemos e Miguel Castro, de Oliveira de Azemeis; padre Diamantino Vieira de Carvalho, de Mira; Franklim da Costa Leite, de Coimbra; João Simões de Pinho, de Cacia e Manuel Dias dos Santos, de Requeixo.

Doentes

Já vimos, na rua, quási restabelecido da doença que o reteve algum tempo no leito, o nosso velho amigo Jerónimo Peixinho, o que sinceramente estimamos.

—Em Mira adoeceu o também nosso presado amigo, Artur Vieira de Carvalho, distinto farmacêutico, a quem desejamos completo restabelecimento.

Secção feminina

DIRIGIDA POR **MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE**

Um pouco de medicina

Compete à mulher, como anjo de paz e cofre de sacrifícios, contribuir em tudo e por tudo para afastar da humanidade os terríveis flagelos que a infestam. Um dos principais é a tuberculose.

O bacilo de Kock é um micróbio de grande virulência, que se transmite com bastante rapidez, resiste à mais alta temperatura e é difícil de tratar. Contudo, ele não poderá penetrar no individuo dotado de boa resistência, ou naquele que o saiba afastar de si pelas práticas higiénicas.

Note-se, que higiene não é sinónimo de limpesa, como muita gente julga, se bem que o asseio seja a base da saude.

A gripe, a pleurisia, as bronquites repetidas e mal curadas, a falta de alimentação ou de arejamento dos pulmões, podem conduzir à tuberculose.

Deve ter-se escrupuloso cuidado principalmente com as crianças. Não são elas a humanidade de amanhã?

Na infância pode lutar-se contra a doença, muito melhor do que noutra idade. O organismo defende-se mais fàcilmente. A's mães cumpre observar os filhos e cuidar deles.

O tratamento da criança, principalmente quando não é robusta, deve ser: muito ar, sempre renovado e não húmido; alimentação simples, mas forte, desporto e trabalho sem fadiga.

Os quartos dos filhos devem-se arejar logo que eles, de manhã, o abandonem. Exija-se que as crianças aproveitem as primeiras horas do dia para brincarem, correrem, sendo possível num jardim ou sítio arborizado. Retire-se da alimentação infantil a abundância de café, chá ou chocolate. O leite é o único alimento completo ao qual se pode adicionar pequenas quantidades de outras bebidas. As refeições terão horas certas e ensine-se a comer devagar, mastigando bem.

Depois das refeições pouco esfôrço, mas, algumas horas depois, pode-se obrigar a um trabalho fácil pois ele faz desenvolver calorias, abre o apetite e robustece o organismo.

Estes são os principais elementos para afastar a tuberculose.

Quando, porém, ela já existe, então terá de se dobrar a quantidade de ar e alimento, diminuindo a de desporto e trabalho.

A tuberculose pode alojar-se, por exemplo, nos ganglus, sem se dar por isso.

Logo que a pessoa, criança ou adulto, começa a emagrecer, a perder o apetite, a cançar-se, a ter perturbações digestivas, a tossir secamente, a notar temperaturas de 37º, que aumentam para a tarde, etc, deve imediatamente consultar o médico e empregar todos os meios, que possam, se não afastar, pelo menos impedir que o mal adiante.

Evitar a convivência com outras pessoas, usar desinfetantes, principalmente nas mãos, comer em loiças separadas, que depois sejam lavadas com água a ferver e expôr-se a si e às suas roupas ao sol, cumprindo rigorosamente o conselho do médico.

CONSULTÓRIO

D. Maria da Conceição—S. Jacinto. Seguiram hoje os moldes pedidos. A seda não pode ir por não a haver no mercado. Logo que apareça enviar-lha-hei.

A salada de frutas pode levar vinho do Porto, ou simplesmente o açúcar e é o próprio suco do fruto que derrete o açúcar.

D. Maria Helena Vaz—De facto, os tecidos de côr lisa estão passando de moda para os vestidos de baile.

Achamos que o mais interessante seria o verde com prata, o azul com oiro e o preto com vermelho. Deve preferir a combinação em setim vermelho e o vestido em rendas pretas. Os enfeites que diz vão tornar-lhe o casaco pesado, e como vamos caminhando para a Primavera, talvez não seja de aconselhar.

* * *

Toda a correspondêencia pode ser enviada para:

Praça de D. João da Câmara, 4-4.º—Lisboa.

As respostas dêste consultório são absolutamente gratuitas.

Nova casa de repouso

Os profissionais de alfaiataria de Portugal estão também empenhados na construção duma casa onde, na velhice, encontrem amparo e carinho, pelo que já se acha constituida uma comissão organizadora para levar por diante a ideia, em tudo digna de apoio e auxílio.

O terreno para o edifício foi generosamente oferecido pelo sr. Jorge Campelo, em Albarraque, próximo de Sintra, e vários elementos da classe assim como outros que com ela manteem relações comerciais e industriais, deram já a sua colaboração expressa em valiosos donativos.

A *Casa de Repouso dos Alfaiates* stá, portanto em marcha. Oxalá nehuma contrariedade surja que demore a sua benéfica abertura.

Calendários

Mais dois acabam de nos ser oferecidos pela acreditada firma *Ulisses Pereira, L da*, depositária, no distrito, das águas de Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas, e também duma nova marca—*Sabroso*—que há pouco apareceu no mercado e que nos dizem ser deliciosa.

Os nossos agradecimentos.

A' MARGEM DA GUERRA

UM BOMBARDEIRO BEAUFIGHTER, MUNIDO DE TORPEDOS E CANHÕES, REUNE AS MELHORES CONDIÇÕES ORGANICAS PARA A LUTA

Considerandos oportunos

por Jorge Vernex

«... preparemo-nos pelo espírito e pelo braço para as dificuldades que vierem...»

SALAZAR

As aves e a agricultura

Quando na Europa se começou a dar à agricultura e à silvicultura um incremento nacional, surgiu o problema da protecção internacional às aves devoradoras de insectos nocivos. Essa protecção, dada a migrabrilidade das aves só é possível dentro dum continente ou dum hemisfério. O primeiro acôrdo desta natureza realizou-se em Paris em 1885, mas ficaram fora dêle muitas espécies de aves. Foi renovado em 1902 e a êle aderiram quási todos os países; no entanto, as suas conclusões orientaram a luta contra os parasitas para o campo biológico por ser ainda desconhecida a protecção à Natureza. Esta foi iniciada pelo Reich em 1936 com uma lei que completava a lei de caça de 1934. Seguiram-se a Hungria, a Holanda, a Suécia, a Dinamarca e a Suiça. A Itália só em 1939 se aproximou dêste campo, lutando com rotinas e costumes de séculos. As aves são indispensáveis à agricultura; apesar disso, muitas delas são abatidas nos seus movimentos migratórios. A convenção de Paris ainda está em vigor, mas é antiquada e insuficiente, segundo o Prof. Dr. Walther Schoenichen que diz que, terminada a guerra, é preciso realizar-se um acôrdo internacional de protecção à Natureza, o qual já deu os primeiros passos através da Comissão Internacional de Protecção às Aves, fundada em 1922, que tem uma secção europeia. Na reünião de Viena, em 1937, ficou já elaborado o texto do acôrdo, estando a sua adopção pendente do silêncio dos canhões que devastam, há 4 anos o nosso continente e perturbam tôdas as iniciativas pacíficas e humanitárias.

A classe média

Tanto Marx como Lenine votaram a classe média ao extermínio pelo facto de ser ela o sustentáculo das nacionalidades. O segundo deixou escrito no tomo III das suas obras, pág. 203, que «o artesanato é uma forma tão antiquada de indústria, que até os mais acérrimos partidários do antigo estilo de vida o não defenderão». O primeiro enunciou-o claramente no manifesto comunista publicado por êle e por Engels onde se defendia a tese da «queda da classe média». Como o capitalismo concentrava nas suas mãos, cada vez mais, as riquezas da terra, desaparecendo, assim, a classe-média independente, o comunismo resolveu ser radical: tornou o Estado o único capitalista e eliminou revolucionàriamente a classe média que, para Marx, não era um ramo especial da Economia, mas representava «o papel dum indesejável e antiquado sector da indústria». Todavia, na Europa ainda hoje o artesanato tem maior importância e maior capacidade de rendimento do que em 1847, tendendo a aumentar o valor da classe média com a organização profissional corporativa. Em 1917, a revolução vermelha liquidou êste capítulo da doutrina marxista, lançando mão da violência. E os pequenos artífices que sobreviveram aos horrores da guerra civil e que não tiveram, depois, de expiar culpas imaginárias nas colónias penais perderam a liberdade e transitaram para a indústria, através das cooperativas de produção, para, como escarninhamente foi anunciado pelo ponto 4.º do programa comunista de 1919, «assegurar sem dor a transição desta atrazada forma de produção para a muito mais desenvolvida grande indústria mecânica». Antes da guerra, ainda se via na URSS um ou outro pequeno artífice antigo, vegetando sob o pêso de contribuïções e dificuldades enormes e trabalhando sòzinho por dar trabalho a outrem é... exploração! Mesmo êstes eram raríssimas excepções: «o artesanato autónomo foi exterminado na URSS», como, afinal, tôdas as manifestações da Liberdade.

Carta de Lisboa

General Carmona

Ocorreu há pouco mais um aniversário—o 2.º da 2.ª reeleição do sr. General Carmona para a chefia do Estado.

A permanência do sr. Presidente da República na direcção superior dos destinos nacionais, tem sido a mais forte e, sem dúvida, das mais beneméritas características da acção política do Estado. Graças à orientação mantida ininterruptamente há cêrca de dezoito anos, a estabilidade governativa da Revolução Nacional tem sido um dos mais interessantes aspectos do Estado Novo, mercê do qual tem em grande parte sido possível realizar-se a grande obra de renascimento nacional levada a cabo desde 28 de Maio.

Depois da instabilidade governativa que durante mais de um quarto de seculo caracterizou a vida política portuguesa, instabilidade que, pode dizer-se, teve o seu principal fulcro na quási constante e vertiginosa substituïção dos Chefes de Estado do regime republicano, a magistratura do sr. General Carmona tem sido a melhor e mais perfeita garantia da continuïdade governativa cujos benefícios são de tal modo evidentes, que desnecessário se torna pô-los em relêvo.

Razão e a maior teve Salazar quando um dia afirmou acêrca da personalidade a todos os títulos eminente do venerando do Chefe do Estado:

«O sr. General Carmona tem exercido com superior critério, alta distinção moral e inexcedível dedicação pelo seu país, a função de Chefe de Estado. A estabilidade que desde 1926 houve na suprema direcção do Estado depois da instabilidade que nela tinha havido desde 1910 é devida, tanto às qualidades eminentes no equilíbrio de espírito e ao prestígio pessoal do sr. Presidente da República, como à essência disciplinadora do 28 de Maio que o ilustre militar interpretou com fidelidade só igual ao seu aprumo. Essa estabilidade sintetiza diante dos portugueses a vitória máxima do ideal reorganizado que se implantou em Portugal.»

Estas palavras proferidas pelo sr. Presidente do Conselho, quando da primeira reeleição do sr. General Carmona para a presidência da República, embora tendo já alguns anos, possuem, no entanto, oportunidade. Estão hoje tão certas, como estavam na altura em que fôram proferidas.

CORDEIRO GOMES

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,48 (tram.)
6,54 (tram.)	11,15 (»)
12,05 (tram.)	15,41 (tram.)
13,23 (rápido)[1]	19,34 (rápido)[1]
17,24 (tram.)	21,52 (recov.)
20,40 (»)	Do Porto chega um tram. às 21,07 que não segue.

(1) Ás terças e sextas-feiras.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
8,04	10,48
13,50	15,20 (1)
16,20 (1)	19,11
19,42 (2)	23

(1) A's terças e sextas-feiras.
(2) Só até à Sernada.

Domínio Público Marítimo

Faz-se público que, no dia 14 de Fevereiro de 1944, na sede da Capitania do pôrto de Aveiro, pelas 14 horas, se procederá à arrematação, em hasta pública das ervagens produzidas no Domínio Público Marítimo, na área de Vagos.

Atenção para a 4.ª página

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

NECROLOGIA

Faleceram: nesta cidade, Marcela Marques de Oliveira, viuva, de 77 anos, e Edwiges da Conceição Campos, de 84, casada com Abílio Pereira Campos; em *Taboeira*, Maria Marques Calafate, viuva, de 85, e em *Esgueira*, Joana Marques de Oliveira, também viuva, de 75.

Correspondências

Esgueira, 10

Consorciou-se domingo com a simpática menina Maria Júlia Martins, filha do sr. Luiz José Martins, o sr. Firmino de Sousa, furriel de Infantaria 10.

Serviram de padrinhos a sr.ª D. Aurora Martins Barroca e o sr. Francisco de Bastos, sendo os noivos muito felicitados.

—Também no mesmo dia se realizaram os casamentos das meninas Zulmira Gomes e Maria José Dias Neto, respectivamente com os srs. Artur Rodrigues Lemos e Francisco de Lemos.

Aos novos lares desejamos as maiores venturas.

—No estado de solteiro, faleceu aqui, terça-feira, Angelo Marques da Loura que contava 33 anos.

Á família enlutada as nossas condolências.

—Com um ataque de *gripe* encontra-se de cama o nosso amigo sr. António Joaquim de Pinho, a quem desejamos completo restabelecimento.

—Continua o tempo sêco, prejudicando imenso a agricultura.

C.

Comarca de Aveiro

Éditos de 30 dias

1.ª publicação

Pela Comissão de Assistência Judiciária da comarca de Aveiro, 1.ª secção da 2.ª Vara, a cargo do Chefe Santos Vítor, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação dêste anúncio, citando o requerido Amândio Rodrigues dos Santos, casado, lavrador, do lugar e freguesia de Mamarrosa, comarca de Anadia, para, no praso de 5 dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, o pedido de benefício de Assistência Judiciária em que é requerente Amadeu Simões, menor, convivente com sua mãe Maria Rosa Simões Caetano, solteira, maior, doméstica, moradora na vila e freguesia de Soza, desta comarca e por ela representado.

Aveiro, 28 de Janeiro de 1944.

Verifiquei.

O Presidente da Comissão de Assistência Judiciária
Fernando Moreira

O Chefe da 1.ª Secção da 2.ª Vara
António Augusto dos Santos Vitor

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Teatro Aveirense

(S. A. R. L.)

AVEIRO

Assembleia Geral

Conforme o art.º 37.º do Estatuto desta Sociedade, convoco a reünião da Assembleia Geral para o dia 5 de Março próximo, pelas 14 horas, e na sede, para discussão e aprovação de contas da Gerência do ano de 1943.

Não comparecendo número legal de accionistas fica desde já convocada nova reünião para o dia 19 de Março, no mesmo local e à mesma hora.

Conforme o art.º 38.º convoco a reünião da Assembleia Geral para o dia 12 de Março próximo, pelas 14 horas e na sede, para eleição da Mesa da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal para o triénio de 1944/46.

Não comparecendo número legal de accionistas fica desde já convocada nova reünião para o dia 26 de Março próximo, no mesmo local e à mesma hora.

Aveiro, 12 de Fevereiro de 1944.

O Presidente da Assembleia Geral,
Alberto Souto